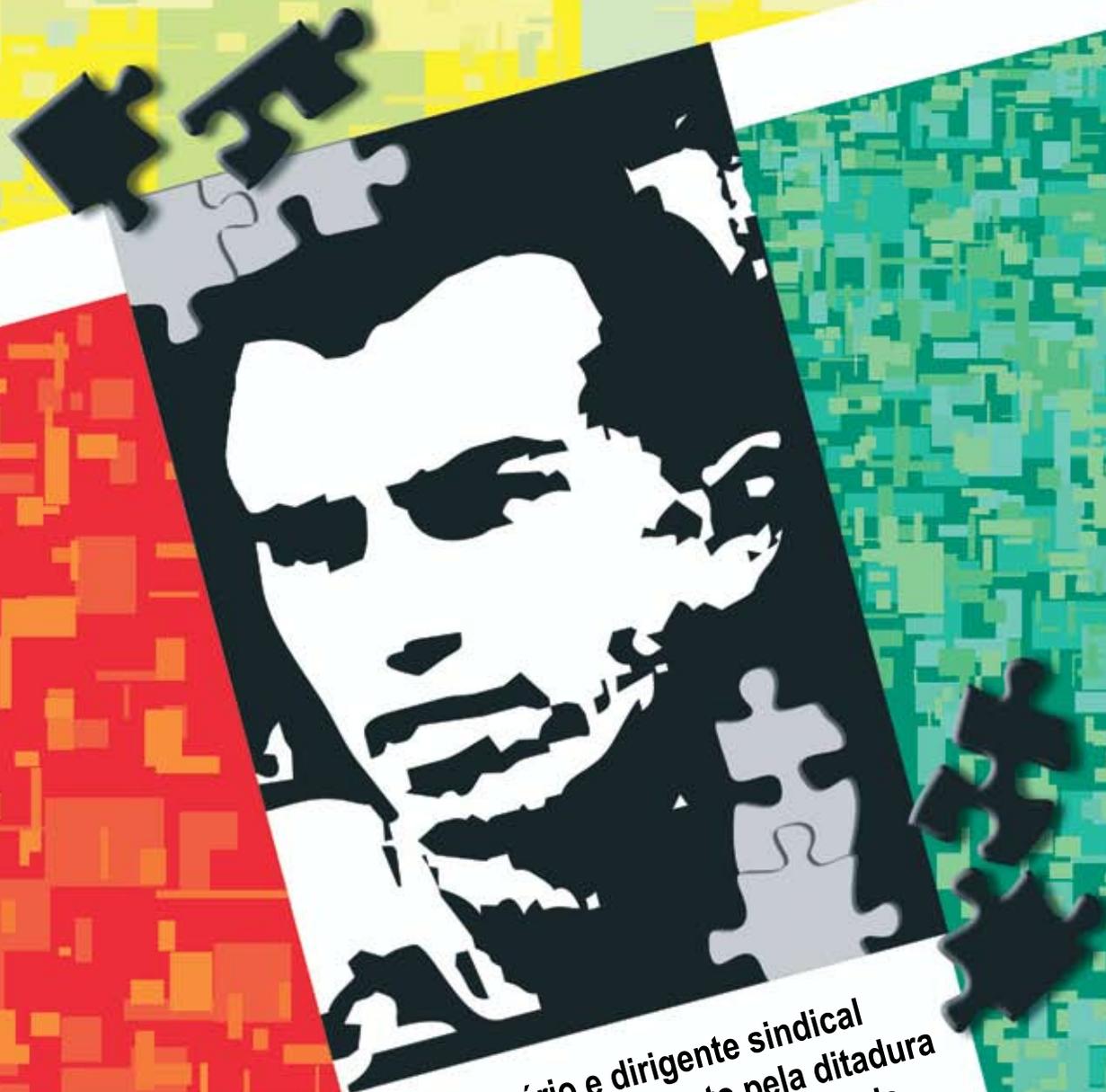


Virgílio Gomes da Silva

DIREITO À MEMÓRIA E À VERDADE

29 de Setembro de 2009



Operário e dirigente sindical da área química, morto pela ditadura em 1969, sob tortura. Até hoje seu corpo ainda não foi encontrado

Apresentação

Você está recebendo uma publicação que tem o objetivo de resgatar a memória de um companheiro militante de nossa categoria profissional, associado do Sindicato dos Químicos de São Paulo e Região, Virgílio Gomes da Silva. Ele trabalhou e atuou na Nitro Química, que era a principal indústria de São Miguel Paulista na década de 1950. Militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), na década de 1960, pertenceu, depois, à ALN (Ação Libertadora Nacional).

Por conta de sua militância e da perseguição que os militares imprimiram sobre os trabalhadores, o camarada, companheiro Virgílio foi para a clandestinidade e adotou o codinome Jonas. Na ALN, ele participou de várias ações contra a ditadura.

Contam seus companheiros que ele foi um homem diferenciado, não só pela extrema coragem em enfrentar o inimigo, mas pela profunda sensibilidade humana: cultivava orquídeas, alimentava os pássaros e era de uma solidariedade impar com seus companheiros dentro da organização.

Ao ser preso, foi barbaramente torturado, mas não se rendeu, enfrentou seus algozes com a firmeza de sempre, a mesma firmeza com que acreditava na liberdade dos pássaros e na beleza das orquídeas.

Virgílio foi assassinado do modo mais brutal que se possa imaginar, destruíram seu corpo. O laudo de sua morte, melhor dizendo de seu assassinato, atesta que seus ossos estavam todos quebrados, seus órgãos vitais destruídos. Significativamente, seu coração permaneceu intacto.

Companheiro Virgílio assim como não destruíram seu coração, não apagaram sua esperança, seus sonhos, não conseguiram destruir a beleza das orquídeas.

Assim como não nos destruíram e, por isso, nós do Sindicato dos Químicos de São Paulo, nos juntamos ao Grupo Tortura Nunca Mais, à família e à Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, para exigir do Estado o reconhecimento das atrocidades que fizeram com você.

Resgatar a memória do trabalhador Virgílio Gomes da Silva, o Jonas, é sinalizar ao STF (Supremo Tribunal Federal) que a sociedade não aceita outra atitude em relação à Ação de Descumprimento de Preceito Federal (ADPF) que o Conselho Federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) protocolou sobre a Lei de Anistia, senão a de reconhecer que a Lei de Anistia não se aplica aos agentes públicos que praticaram prisões ilegais, torturas, assassinatos e desaparecimentos forçados.

Companheiro Virgílio, não descansaremos enquanto não nos disserem onde esconderam seu corpo. Hoje, 40 anos depois de seu desaparecimento nos porões da ditadura, rendemos nossa homenagem a todos os que foram ao longo da história perseguidos, torturados e assassinados, por acreditar que outro mundo é possível. Você, Virgílio e todos eles estão sempre presentes e vivos em nossa memória, e nos inspiram cotidianamente em nossas lutas.

Virgílio Gomes da Silva, Presente!

A Diretoria Colegiada



VIRGÍLIO GOMES DA SILVA**Direito à Memória e à Verdade**

*Operário e dirigente sindical da área química,
morto pela ditadura em 1969, sob tortura.
Até hoje seu corpo ainda não foi encontrado.*

40 anos de espera. Onde está o companheiro Jonas?

O Sindicato dos Químicos de São Paulo, Taboão da Serra, Caieiras, Embu e Embu-Guaçu se une ao grupo Tortura Nunca Mais, à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e a toda população que clama por justiça, na busca aos restos mortais de Virgílio Gomes da Silva, ativista sindical do setor químico, morto aos 36 anos, em 29 de setembro de 1969, sob tortura, no DOI-CODI, em São Paulo. Esse resgate é fundamental para que toda a sociedade brasileira, e em especial as novas gerações, conheçam a firmeza e os valores desse militante que entregou a própria vida em defesa da classe trabalhadora.

Virgílio ou Jonas, seu codinome, também foi guerrilheiro da Ação Libertadora Nacional –ALN e pertenceu ao Partido Comunista. Na condição de membro do PCB e como ativista sindical organizou greves, como em 1963, na Nitro Química, em São Miguel Paulista. Morto pela ditadura, a família e seus companheiros esperam há 40 anos pelo resgate de seus restos mortais. Agora, estamos perto de encontrá-los.

Virgílio é um exemplo de fidelidade às suas convicções. Por sua história de coragem e de entrega à classe trabalhadora, o Sindicato dos Químicos de São Paulo presta homenagem a esse bravo companheiro. E exige do Estado, por meio de denúncia civil e criminal ao Ministério Público Federal, que seus restos mortais sejam encontrados e entregues à família para que tenha direito, como todo cidadão, a um enterro digno, bem como à apuração de responsabilidades daqueles que cometeram seu assassinato e desaparecimento forçado. E que todos fiquem sempre vigilantes para que episódios como esses jamais se repitam em nosso país.

**Expediente****VIRGÍLIO GOMES DA SILVA - Direito à Memória e à Verdade**

é uma publicação do Sindicato dos Químicos de São Paulo, Taboão da Serra, Caieiras, Embu e Embu-Guaçu
Rua Tamandaré, 348 - Liberdade - São Paulo - SP - CEP 01525-000 - Tel. (11) 3209.3811

Pesquisa, texto e projeto editorial:

Canal Projetos e Produções: Ana Valim, Eduardo Della Coletta, Vilma Amaro

Editoração eletrônica e arte-final: Paulo Monteiro

Uma história de conquistas e resistência

O Sindicato dos Químicos de São Paulo, criado em 1933 como Sindicato do Gás, e desmembrado dos gasistas, em 1938, reúne na sua história muitas conquistas, que expressam a capacidade de organização e mobilização da categoria. Quer em tempos de ascensão da classe trabalhadora ou nos momentos em que a resistência e o espírito solidário são fundamentais para manter a vitalidade do movimento operário.

Uma das primeiras dificuldades, nos primórdios de sua atuação, foram os embates para superar

limites institucionais impostos pelo Estado. Limites que sempre visaram o controle da classe trabalhadora para servir aos interesses da classe dominante.

Dois momentos expressivos dessa coerção foram a legislação getulista dos anos 30 e 40, que atrelou os sindicatos ao poder do Estado, e o golpe de 1964 que truncou um período de fortalecimento e afirmação dos trabalhadores e suas enti-

dades representativas.

Nessa história recente, o Sindicato sofreu duas intervenções (uma em 1947, que durou até 1950, e outra em 1964 até 1967), teve dirigentes cassados e presos, mas nem por isso esmoreceu, mostrando uma força atuante que nos períodos mais difíceis escapava pelas “fendas, nos pequenos arranques e nas grandes teimosias. Na vontade de ser gente dos que são permanentemente explorados, excluídos e ignorados”, como nos diz Florestan Fernandes.



Nitro: eleições sindicais em 1985, protesto contra acidentes e assembleia contra as péssimas condições de trabalho



Sempre alerta

Muitas vezes, a vitalidade e a solidariedade da classe trabalhadora elegem um exemplo que representa sua força histórica. Virgílio Gomes da Silva, ativista e militante do Sindicato dos Químicos é um desses exemplos. A quem o Sindicato e os trabalhadores prestam sua homenagem, neste momento em que o país busca consolidar a democracia no campo social, criando instrumentos e condições para vencer as desigualdades e iniquidades que, apesar dos avanços, ainda persistem.

Virgílio, em latim, significa aquele que vigia, aquele que está sempre alerta. O nome assenta perfeitamente ao personagem. Vigilante pela classe trabalhadora, a ela entregou sua própria vida.

Ativista sindical atuou como militante do Partido Comunista na Cia. Nitro Química, em São Miguel Paulista, nos anos 50 e 60. Ali, firmou-se como liderança e grande estrategista. A Nitro Química era uma empresa nacional, fundada em 1935, cujos



ARQUIVO DE FAMÍLIA

Virgílio, em uma de suas últimas fotos, antes de ir para Cuba

dirigentes tinham pretensões à modernidade, mas mantinham os operários sob as piores condições de insalubridade e sem proteção, gerando muitos acidentes. Os gases altamente tóxicos do setor de fiação, onde era produzido o raiom, principal produto da empresa, entravam pela boca, pelas narinas, queimavam os olhos e o trabalhador, para aliviar o desconforto e a dor, colava no rosto rodela de batatas cruas. Contra essa situação, e ainda os baixos salários, o excesso de trabalho sem as contrapartidas, os operários, a maioria originária do Nordeste, passaram a se organizar sob a liderança do Sindicato dos Químicos. Muitos de seus dirigentes já eram filiados ao Partido Comunista. Relata o his-

toriador Paulo Fontes que a empresa, na época, tinha mais de 7 mil operários. Com tal quantidade de trabalhadores, a indústria foi a grande propulsora do desenvolvimento de São Miguel Paulista, antes uma pacata vila de pouco mais de dois mil habitantes. “A região tornou-se um dos principais focos de atuação e militância comunista na cidade de São Paulo”. Em 1946, o partido fundou a célula Augusto Pinto que, reunindo basicamente trabalhadores da Nitro Química, era a maior célula da organização em São Paulo, com mais de mil militantes. O Partido Comunista fora legalizado em 1945. Curiosamente, a inauguração da célula foi um grande acontecimento político-social na região, relata o historiador.

A ela compareceram grandes figuras públicas ligadas ao partido, como o escritor Jorge Amado, além de Natália Pinto, mãe do homenageado, Augusto, militante comunista, morto no presídio de Maria Zélia em 1937, revela o historiador.

Três décadas depois, a história se repete

A história não é passado, mas a própria vida. Mais de três décadas depois, Virgílio, também seria morto. Esse passado hoje está presente em todos nós e é uma referência para as lutas cotidianas e as grandes lutas pelo fazer a história, pela afirmação da classe trabalhadora como agente da transformação social.

O direito à memória e à verdade é a reivindicação do Sindicato dos Químicos de São Paulo e de toda a classe trabalhadora. Quarenta anos depois de seu brutal assassinato, os restos mortais de Virgílio Gomes da Silva ainda se encontram em local desconhecido, supostamente no cemitério de Vila Formosa em São Paulo, para onde eram levados secretamente os que caíam vítimas da violência dos órgãos de repressão.

Virgílio Gomes da Silva veio do Nordeste, como a maioria dos trabalhadores da Nitro Química. Nasceu em Santa Cruz, no Rio Grande do Norte. Quando era criança, chegou a morar em Belém, onde o pai trabalhou na extração de borracha, mas aos 18 anos, Virgílio veio para São Paulo, como todo migrante, em busca de melhores condições de vida.

Os primeiros tempos não foram fáceis, ele chegou a dormir em bancos de praças.



Os irmãos Vladimir e Virgílio

Em 1957, ingressou no Partido Comunista Brasileiro - o PCB. Atuava na Nitro Química, onde se destacava por seu desprendimento e disposição, não tinha descanso, nem dava trégua para a indolência, uma expressão que costumava usar.

Teve ampla participação no movimento grevista de 1963 na empresa cuja bandeira era o 13º Salário. Ao tentar entrar na fábrica para buscar o apoio dos demais operários, levou um tiro de um dirigente da empresa e foi encaminhado ao hospital. Ao mesmo tempo, os trabalhadores revoltados enfrentaram a polícia e desarmaram os soldados da Força Pública.

Mas, pouco depois, veio o golpe de 64, dirigentes sindicais foram cassados e perseguidos. Virgílio chegou a ficar preso quatro meses. Usava o codinome Jonas, já que na luta política clan-

ARQUIVO DE FAMÍLIA

destina ninguém podia usar o nome verdadeiro para evitar riscos para si e os demais companheiros.

Nesse processo de lutas sindicais e políticas, o Partido Comunista tinha posições que nem sempre expressavam a vontade da classe trabalhadora, embora representas-

sem uma estratégia para alcançar o objetivo de poder. Quando Carlos Marighela rompeu com o PCB, em 1967 e criou, com outros companheiros, a Ação Libertadora Nacional - ALN que tinha como uma de suas estratégias, a luta armada, Virgílio o acompanhou. Pouco depois, viajou para Cuba onde realizou treinamento militar em 1967 e 68.

Seu sentido de solidariedade para com os companheiros era tão grande que em 1969 comandou o seqüestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, para negociar com o governo militar a troca por militantes presos. Virgílio era, então, o comandante do GTA - Grupo Tático Armado da ALN.

Essa coragem revolucionária custou-lhe implacável perseguição que atingiu sua família. Sua mulher Ilda e três de seus quatro filhos, entre os quais Isabel, que era então um bebê de quatro meses, foram presos.

O fato visto pela imprensa da época

SEQUESTRADORES DEIXARAM MANIFESTO NO AUTOMÓVEL

Foi este o manifesto deixado pelos seqüestradores no Cadillac do Embaixador norte-americano, e liberado para publicação pelo Governo Brasileiro, a última hora de ontem, e divulgado na íntegra por uma cadeia de televisão da Guanabara:

«Ao Povo Brasileiro

Grupos revolucionários detiveram, hoje, o Sr. Burke Elbrick, Embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum ponto do País, onde o manifesto prático. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, onde se arrecadaram fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; tomadas de quartéis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta pela derrubada da ditadura; invasões de presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; as explosões de bombas que simbolizam a oposição; e o justicamento de carrancos e torturadores. Na verdade, o rapto do embaixador é apenas mais um ato de guerra revolucionária, que avança a cada dia e que amanhã este ano iniciará a sua etapa da guerrilha rural.

Com o rapto do Embaixador queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Apareceremos onde o inimigo menos nos espera e desapareceremos em seguida, desafiando a ditadura, levando o terror e o medo para os exploradores, a esperança e a certeza da vitória para o meio dos explorados.

O Sr. Burke Elbrick representa em nosso País os interesses do imperialismo que, aliado aos grandes patrões e aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantém o regime de exploração e opressão.

São os interesses desses consórcios de enriquecerem cada vez mais que criaram e mantêm o arrocho salarial, a estrutura agrária injusta, a repressão institucionalizada. Portanto, o rapto do Embaixador é uma advertência para que o povo brasileiro não lhes dê descanso, que simolizem sempre dar desabaço sobre eles o péso de sua luta. Sabem todos que essa é uma luta sem tréguas, uma luta longa e dura, que não termina com a troca de um outro general, mas que só acaba com o fim do regime dos grandes exploradores e com a construção de um Governo que liberte os trabalhadores de todo o País da situação em que se encontram.

Estamos na Semana da Independência. O povo e a ditadura a comemoram de maneira diferente. A ditadura promove festas, paradas e desfiles, solta fogos de artifício e prega carterazes. Com ela não quer comemorar coisa alguma: o que ela quer é jogar areia nos olhos dos explorados, instalando uma falsa alegria contra o objetivo de esconder a vida de miséria, exploração e repressão que vivem. Mas pode-se tapar o sol com a peneira? Pode-se esconder do povo sua miséria quando ele a sente na carne?

Na Semana da Independência, há duas comemorações: a da ditadura e a do povo, a dos que promovem paradas e a dor que o Embaixador almbolo da exploração. A vida e a morte do Sr. Embaixador estão nas mãos da ditadura. Se ela atender a duas exigências, o Sr. Elbrick será libertado. Caso contrário, seremos obrigados a cumprir a Justiça Revolucionária. Nossas duas exigências são:

a) A libertação de 15 prisioneiros políticos. São 15 revolucionários entre os milhares que estão se torturando nas prisões-quartéis de todo o País, que são espancados, seviciados e que amargam as humilhações impostas pelos militares. Não estamos exigindo o impossível. Não estamos exigindo a restituição da vida de inúmeros combatentes lutando sinidos nas prisões. Esses não serão libertados, é lógico. Esses serão vingados um dia. Exigimos apenas a libertação de quinze outros homens, líderes da luta contra a ditadura. Cada um deles vale cem Embaixadores, do ponto de vista do povo. Mas um Embaixador dos Estados Unidos vale muito também, do ponto de vista da ditadura e da exploração;

b) A publicação e leitura desta mensagem, na íntegra, nos principais jornais, rádios e televisão de todo o País.

Os quinze prisioneiros políticos devem ser conduzidos em avião especial a um país determinado — Argélia, Chile e México — onde lhes seja concedido asilo. Contra eles não deverá ser tentada qualquer repressão, sob pena de injustiça.

A ditadura tem 48 horas para responder publicamente se aceita ou rejeita nossa proposta. Se a resposta for positiva, divulgaremos a lista dos quinze líderes revolucionários e esperaremos 24 horas, por sua colocação num país seguro. Se a resposta for negativa ou se não houver nenhuma resposta neste prazo o Sr. Burke Elbrick será julgado. Os quinze companheiros devem ser libertados e enviados ou não condenados: esta é uma situação excepcional". E na "situação excepcional" os juízes da ditadura sempre arrafam uma fórmula para resolver as coisas, como se viu agora na subida da Junta Militar.

As conversações só serão iniciadas e partir de negociações públicas e oficiais da Ditadura de que atenderá às exigências. O método será sempre público por parte das autoridades e sempre impuro: visto por nossas partes.

Queremos lembrar que os prazos são improrrogáveis e que não vacilaremos em cumprir nossas promessas.

Finalmente, queremos advertir a todos aqueles que torturam, espancam e matam nossos compatriotas que não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando, ponha as barbas de molho.

Agora é ôho por ôho, denis por denis.

AOAO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).
MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE QUOTIDIANO (MR-Q).

RAPTO DESENCADEIA CAÇADA NACIONAL A TODOS TERRORISTAS

Ultima Hora
Ano XIX — Rio de Janeiro, Sexta-feira, 5/9/1969 — N.º 5.390 — MG-6 830

Exército, Marinha, Aeronáutica, Secretaria de Segurança da Guanabara e de outros Estados estão desde ontem empenhados na maior caçada policial de todos os tempos, na tentativa de localizar o Embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick e seus seqüestradores. Polícia e Forças Armadas decidiram intensificar em todos os Estados a busca aos grupos terroristas, já que os seqüestradores exigem, para a libertação do diplomata, a soltura de elementos subversivos e a divulgação de um manifesto.



O Embaixador C. Burke Elbrick (na foto com a esposa) chegou ao Brasil em julho

Pistolas, perucas e maquilagem

O seqüestro do Embaixador ocorreu poucos momentos após haver ele deixado sua residência, na Rua São Clemente (às 13h50m, segundo o Embaixador, e 14h50m segundo a Polícia). Seu automóvel foi interceptado por um Volkswagen com placa de São Paulo, do qual desceram dois rapazes disfarçados com perucas e maquilagem. Armados de pistolas calibre 45, dominaram o motorista e o Embaixador e fizeram o veículo seguir até a Rua Saclides Figueiredo, no Jardim Botânico. Outro Volks dava proteção ao primeiro. Rapazes locais, o Embaixador, já cotelematizado, foi transferido para um Kombi verde-oliva, que desapareceu. O seqüestro foi comunicado à Polícia pelo motorista, imediatamente desencadeou-se a caçada policial em vários Estados.

Nixon muito preocupado

O Presidente Richard Nixon, dos Estados Unidos, foi logo informado do fato, conhecido em San Clemente, Califórnia, a Secretário de Estado William Rogers. Um porta-voz disse que o Presidente estava "muito preocupado". Robert McNamara, Secretário de Imprensa do Departamento de Estado, revelou que o governo norte-americano estava em "contato" urgente com o governo brasileiro. Disse ainda esse porta-voz que a nota deixada pelos terroristas estava assinada com a sigla "MR-S".

A Câmara de Representantes norte-americana pediu ao Departamento de Estado que se reunisse junto ao governo brasileiro, a fim de que todos as medidas necessárias fossem adotadas para garantir a volta do Embaixador. (Páginas 2, 3 e 4)



Carros do seqüestro foram logo abandonados



Os três Ministros militares reuniram-se à noite no Itamaraty com outros Ministros de Estado

Ameaça é contra todos

A NAÇÃO recebeu com indignação e revolta a notícia do seqüestro do Embaixador dos Estados Unidos. A solidariedade ao representante diplomático vítima da violência extrema foi geral e imediata. Dos altos círculos do Governo brasileiro às mais amplas camadas de nosso povo, a repulsa a esse ato nefando se manifestou de forma impressionantemente unânime. O sentimento coletivo é de que não se trata apenas de atentado ao Embaixador do um governo estrangeiro pelo qual os terroristas querem expressar o seu ódio, mas de uma ação de desrespeito através da qual um pequeno grupo visa a dar ressonância mundial aos seus objetivos de desagregação nacional.

Trata-se, sim, de um atentado contra a própria Nação Brasileira, cujos supremos interesses são atingidos por tais atos. E mais significativamente ainda, isto acontece no momento mesmo em que se comemora nas ruas a Semana da Pátria. Já traumatizado o País pela enormidade que afastou temporariamente da chefia do Governo o Marechal Artur da Costa e Silva, este novo impacto pretende agravar o clima de inquietação e indicar a que ponto o fanatismo político, o radicalismo detentado se empenha em causar à Nação prejuízos de toda ordem, tanto no que se refere ao nosso bem nome internacional como ao inócante ao desquite do nosso crédito.

No plano interno, é nítido o objetivo de criar um estado de alarme, até aqui desconhecido entre nós. Pela frieza e ostinidade de que se reveste, um ato como o seqüestro do Embaixador Burke Elbrick é o sinal de uma investida contra a segurança geral, pois faz com que todos se sintam igualmente ameaçados.

Confirma-se agora, uma vez mais, o que temos dito em editoriais anteriores sobre a origem e a insuportável estrangeira da onda de terrorismo no Brasil.

A ação contra tais atos deve ser vigorosa, total, para evitar que eles venham a atingir o seu propósito de envolverem irremediavelmente as fronteiras do país da vida nacional.



Presos políticos trocados pelo embaixador americano Charles Elbrick aguardam para embarcar no avião Hércules 56 com destino ao exílio, em Cuba. Rio de Janeiro, 06/09/1969

RICARDO VILAS BOAS
MARIO ZANCONATO
JOSÉ IBRAHIN
RICARDO ZARATTINI
FLÁVIO TAVARES
VLADIMIR PALMEIRA
JOSÉ DIRCEU
MARIA AUGUSTA CARNEIRO RIBEIRO
AGONALTO PACHECO DA SILVA
GREGÓRIO BEZERRA
IVENS MARCHETTI
JOÃO LEONARDO DA SILVA ROCHA
LUÍS TRAVASSOS
ONOFRE PINTO
ROLANDO FRATI

Depoimento

**D. Ilda,
viúva de Virgílio**



LEONARDO DUARTE

D. Ilda: “Ele era uma pessoa energética, mas não como no filme”

**Virgílio,
adolescente**



ARQUIVO DE FAMÍLIA

“

Eu trabalhava na Nitro Química e ele era do sindicato, aí fiquei conhecendo o Virgílio.

Foi mais ou menos em 1957, na greve, quando fiquei associada no sindicato. Ele era uma pessoa energética, mas não era como o filme (O que é isso, companheiro?), era uma pessoa concentrada que sabia o que estava fazendo. Ele era muito carinhoso, gostava muito dos filhos, passeava com eles. Gostava muito de crianças, flores, passarinho, piquenique, uma pessoa alegre. Era um operário normal, ele não era como no filme uma pessoa louca, alienada. Ele era o principal funcionário da subsele do sindicato em São Miguel, no tempo da greve, ele nunca foi dirigente. Fazia tudo lá, era escriturário, secretário, fazia discurso, assinava ata. Ele estudou quatro anos, fez datilografia, fez um curso de comércio. Não se formou em nada. A vida o ensinou, foi militando no partido, depois na ALN, a militância foi ensinando ele no dia a dia. E ele tinha vontade, era lutador. Em 1960 casamos.

Eu não militava, só ajudava, ele ia me explicando. No tempo que ele entrou na ALN eu era apoio. Eu via todo o perigo que ele estava correndo. Quando ele foi preso a gente morava em Ribeirão Preto e quando ele vinha para São Paulo era um sacrifício, porque ele já estava sendo procurado. As fotografias dele estavam por toda à parte. Eu via o perigo, quando eu viajava escutava nos ônibus, “é, esse terrorista, não sei, ainda vão pegar ele”.

Uma coisa que apertava o coração: qualquer dia pegam ele. Mas,

ele falava não, não tem perigo. Uma vez ele chegou em casa eu não o conheci, veio de peruca. Mas a vida era assim.



ARQUIVO DE FAMÍLIA

Virgílio aos 20 anos

Quando ele foi preso a gente estava morando em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Nessa época, ele já estava me preparando porque a situação estava dura, tanto para o lado dele como para meu lado e as crianças. Ele queria me proteger, estava arrumando os documentos para eu sair do Brasil. Até já tinha feito os passaportes. Eu ia para São Sebastião e de lá ia embora para Portugal, não dava para ir direto para Cuba. Mas, nesse meio tempo, eu fiquei em Ribeirão com o Manoel Cyrillo e as crianças e o Virgílio e outros companheiros vieram para São Paulo, e aí foi que ele caiu no mesmo dia, dia 29/09. Eu não fiquei sabendo de nada. No outro dia foi que a polícia chega em São Sebastião, um monte de carros da polícia invadindo a casa onde eu estava, tirando o Manoel da cama e toda aquelas barbaridades que eles fazem. Comigo tinha meus filhos, um deles estava com a minha sogra, o Gregório, estava com febre, ela não quis que ele fosse, depois eu ia me encontrar com ele. Aí eu fui presa, me levaram para Operação Bandeirantes onde fiquei sabendo que o Virgílio tinha caído. Não falaram nada, mostraram os documentos dele, eu perguntei onde ele está? eles me falaram “ele é esperto e



O casamento de Ilda e Virgílio

fugiu, essa hora deve estar em Cuba”. Mas ele já estava era morto. Na verdade, eles nunca me falaram da morte dele. Quem falou foram os companheiros na cadeia.

Os meninos foram presos juntos: o Vladimir, o Virgílio e a Isabel que tinha quatro meses. Eles levaram os três para o DOPS no mesmo dia, e daí para o Juizado de Menores. Não me falaram para onde. Foi uma coisa absurda. Eles puxavam as crianças de mim, eu não queria que elas ficassem longe de mim, daí eu disse vão com eles, eu não podia fazer mais nada. Eles foram para o DOPS, onde ficaram um dia ou dois. No Juizado, hoje que eles me contam, os policiais passeavam com eles pelas ruas, para ver se gostavam de alguém que os adotasse, dizendo que pai e mãe eles não teriam mais. Fiquei nove meses, quatro meses fiquei incomunicável, não podia ver ninguém, nem meus filhos, isso já no Presídio Tiradentes, todo mundo recebia família e eu não. Nesse meio tempo, tinha uma menina que estava presa e saiu, então eu pedi a ela que fosse a casa da minha mãe. Ela foi, tirou fotografias das crianças, disse que estava tudo bem e mandou as fotografias, cada um estava com uma das minhas irmãs. A Isabel ficou quase um mês no hospital com desidratação, porque eu estava amamentando quando eles a tiraram do meu peito. Daí nove meses eu sai e fiquei com todos os meus filhos. Depois de um ano e pouco, a Rose Nogueira me ajudou arrumar dinheiro e sair do



ARQUIVO DE FAMÍLIA

D. Isabel, a mãe, e Chiquinho

Brasil com as crianças. Não dava para viver aqui porque não me davam trabalho. Eu trabalhava num lugar me mandavam embora, trabalhava em outro me mandavam embora, diziam que eu não dava produção. Mas na rua eu via que eles ainda me perseguiam. Fui para o Chile onde também estava quase todo mundo clandestino, a gente não se encontrava, nem nada. Eu que encontrava mais gente, pois me filiei à “Caixinha” que me dava uma ajuda. Eu não tinha como me virar, estava esperando sair de lá para Cuba. Mesmo assim fiquei um ano. Depois fomos para Cuba, com passagens ganhas. Quando cheguei lá minha vida mudou completamente, comecei a trabalhar, com costura, fazendo uniforme para as crianças da escola, meus filhos estudaram, ficamos lá 18 anos. Cuba é minha segunda pátria. Vladimir meu filho mais velho é geólogo - trabalha na Petrobras, em Natal. O Virgílio tem duas carreiras: engenharia industrial e mecânica. Gregório é engenheiro mecânico e a Isabel também é geóloga. Estão todos formados. ”



ARQUIVO DE FAMÍLIA

Chiquinho, Fon, D. Isabel, Cyrillo e Celso



FOTOS: ARQUIVO DE FAMÍLIA

Exercícios



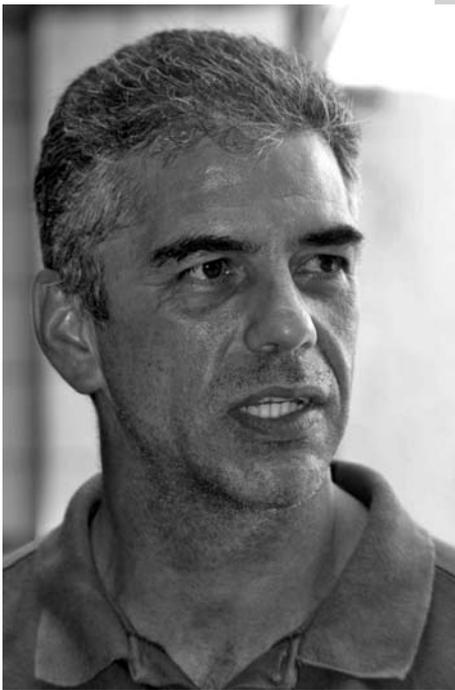
O casamento de Ilda e Virgílio



D. Isabel, a mãe



Virgílio Gomes da Silva Filho, engenheiro mecânico e industrial



LEONARDO DUARTE

Virgílio, o filho



LEONARDO DUARTE

Virgílio Filho e seu filho Jonas

Do contato pessoal com meu pai ficou o mito. Lembro da parte esportiva, ele incentivava muito o aspecto esportivo na gente. Seis horas da manhã, a gente acordava e ia fazer ginástica matinal, então juntava aquela molecada na frente do quintal, de boca aberta vendo a gente fazer exercícios, então ele chamava todo mundo para fazer corrida, nadar, escalar árvores. Mas também colocava tarefas para nós, dentro dos afazeres dele, como carregar tábuas para construir um orquidário, é o que mais lembro. Ele era muito rígido no que tratava do caráter dos filhos, a gente não podia faltar o respeito à minha mãe, falar alto, sair da mesa só quando ele dava autorização, então são disciplinas que ele colocava, o respeito entre os irmãos, se tínhamos alguma divergência, tinha que ser na esportiva, a gente colocava as luvas de boxe e ia tirar as diferenças nas luvas de boxe, mas quando terminava a luta, tinha que abraçar, tinha que beijar.

O que me marcou mais, nessa época do meu pai, foi nossa estadia em um sítio em Ribeirão Preto, onde se fazia treinamento militar. O pessoal do GTA e nós estávamos lá, nesse sítio. As caminhadas, escaladas, pesca. Eu achava o máximo. E cada um tinha sua responsabilidade. Eu não sabia o que era clandestinidade, sabia que era uma coisa fechada, eu vim a ter consciência do que era, quando estava em Cuba, a gente vai tendo

novos elementos, adquirindo maturidade. Mas na época eu não tinha consciência. De Ribeirão Preto, fomos para outra casa que eu não lembro e de lá fomos para São Sebastião onde estava programado que sairíamos para Cuba. Não sei porque motivos, a viagem atrasou e a casa “caiu”, antes de a gente sair.

Ficou muito registrado na minha memória, estávamos eu e meu irmão sentados na varanda, numa casa de madeira, numa praia suja, dia chuvoso, no começo da rua, a gente avistou uma espécie de caravana de carros, pretos, grandes e a gente associava com carro oficial e deles desciam um monte de gente que entrava numa casa, saía, vinha para outra e vinha pulando de casa em casa. Até que chegaram na frente da nossa casa e quando chegaram já foram entrando, arrebatando porta, entraram por trás, pela janela, gente com capa comprida, com arma na mão. Quando eles entraram a gente ficou assim meio atordoado, mas meu maior susto foi quando pegaram o Manoel Cyrillo, que eu nem sabia quem era, mas que estava ali conosco. Jogaram ele do beliche, começaram a dar porrada, pisando no pescoço dele, batendo, machucando, dando coronhadas nele. A outra imagem que me marcou muito foi a do meu tio Chiquinho quando o reconheci, dentro de um carro, todo inchado, todo ensanguentado, roxo. Um desastre! ele estava totalmente arrebatado.

E a outra coisa que me marcou foram eles vasculhando tudo dentro de casa. Começaram a esvaziar gavetas, tirar roupa e apareceu dinheiro porque nós íamos viajar, eu sei que tinha, confiscaram relógios, e vi como que se tramou para eles ficarem com tudo isso, confiscaram, foi para o bolso de alguém, com certeza. Mas aquilo me indignou. E isso eu nunca falei com ninguém. Lá na casa, estavam minha mãe, o Vladimir, eu e a Isabel que tinha quatro meses. O Gregório não estava lá, estava com minha avó, ele estava doente e o segundo plano de saída era junto com minha avó. Nós viemos para São Paulo, no meio do caminho, chovendo, o carro capotou, começou a rodopiar e capotou duas vezes, minha mãe desmaiou e levaram para um hospi-

tal próximo a Taubaté ou São José dos Campos, aquela região mais ou menos ali. E, por incrível que pareça, não aconteceu nada com minha irmã. Minha mãe a protegeu com o corpo e os braços. Viemos para um prédio aqui em São Paulo, perto do Minhocão, me lembro que olhei pela janela e vi o viaduto.

Mais do que ser filho de um mito - é claro que a morte dele foi uma perda - ganhei muitas coisas como a minha vida em Cuba, minha educação. Hoje sou engenheiro mecânico e industrial e o fato de ter me formado lá me deu um diferencial. A dedicação ao trabalho é diferente. Lá os meios de produção são de propriedade do povo, a gente trabalha num lugar como se aquilo te pertencesse, então a gente se dedica. Mas em Cuba também

eu consegui enxergar o significado do desprendimento, até da própria vida, pelo bem dos outros, da sociedade. Havia lá um comitê de denúncia das torturas onde faziam palestras e passavam filmes. Então, ali já comecei a entender, mas não acreditava que meu pai estivesse morto, sabia desde a época do sítio que era ele quem comandava tudo, era ele quem dava as ordens, a última palavra era dele, era ele o responsável. Comecei a entender a importância naquele país, pelo tratamento que davam, "aos filhos do Virgílio".

O exemplo do meu pai é marcante. E o mais marcante é quando você morre por convicção, não é uma vítima, é um presenteado, porque é melhor morrer na tortura do que morrer de vergonha."



**Golpe militar. Repressão na rua da Praia.
Porto Alegre, 02/04/1964**



Gregório, engenheiro civil, filho de Virgílio

Com certeza estar em Cuba me ajudou muito entender o desaparecimento do meu pai. Se a gente tivesse ficado no Brasil, seríamos muito mais afetados. Contato físico com meu pai tive muito pouco, ou quase nada. Nasci em 1967 e ele foi assassinado em 1969, e durante 67 e 68 ele estava em Cuba. Por um bom tempo, quando criança, eu também achava que ele iria aparecer.

Acho extremamente importante o que o Sindicato dos Químicos está fazendo. Hoje tenho argumentos e vejo claramente que o sequestro do embaixador americano, além de um ato de coragem, significou muito. Nunca me esqueço do que Manoel Cyrillo contava. Logo após o sequestro, ele pegou um táxi no Rio e o motorista virou e disse: “achei muito bom terem sequestrado o embaixador americano, já estava na hora desse povo (o brasileiro) acordar”. Certamente, chamou a atenção internacionalmente, a repercussão foi grande. Eu, como já disse, não tive meu pai vivo. Encontrar seus restos mortais significa muito mais politicamente”.

Isabel, geóloga e professora de espanhol, filha caçula de Virgílio

Chorei de verdade quando tive a comprovação da morte do meu pai em 2004. Realmente chorei quando vi o laudo. Até então, por mais que possa parecer estranho, eu ainda tinha um fio de esperança. Eu tinha apenas quatro meses quando meu pai foi assassinado. Com três anos fui para Cuba, depois de ter ficado um ano no Chile. Cresci ouvindo a história que o meu pai estava desaparecido. Na minha imaginação de criança, eu pensava que ele iria aparecer a qualquer momento. Muitas vezes, achava que ele, junto com minha mãe, viria me pegar na escola. Minha mãe dizia que tinha muita preocupação que ele estivesse desmemoriado por aí, sem ter ninguém para cuidar dele. Por isso tudo, o laudo foi decisivo. Agora só falta encontrar seus restos mortais. Acho a atitude do Sindicato dos Químicos de São Paulo muito boa mesmo. Digna. É uma forma de reconhecer a trajetória de um homem lutador, que queria um Brasil melhor”.

Na solidão do cárcere

Virgílio foi preso em São Paulo, na Avenida Duque de Caixas, no dia 29 de setembro de 1969. Poucas horas depois, estava morto sob as mais violentas torturas.

Nem a viúva, nem seus familiares souberam de sua morte. Foi dado pela polícia como desaparecido. Disseram que ele havia

fugido. O país era governado por uma Junta Militar: Aurélio Lira Tavares (Exército), Márcio de Souza e Melo (Aeronáutica) e Augusto Rademaker (Marinha) que precedeu à pior fase do regime, os chamados anos de chumbo, quando milhares de brasileiros foram presos, exilados e mais de

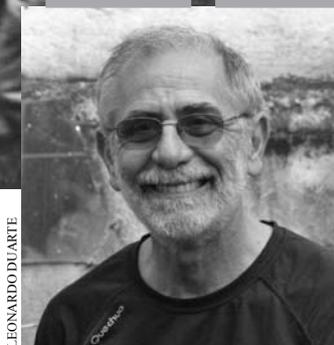
uma centena mortos nos porões dos órgãos de segurança. Estes agiam na clandestinidade, como um poder paralelo, mas de fato, respaldados pela violência autorizada dos governantes. Sobre a morte por tortura, nem uma palavra, nem da imprensa que sofria a mais tirânica censura.

ACERVO ICONOGRAPHIA



Golpe de 1964. Tanques nas ruas. Rio de Janeiro, 01/04/1964

Depoimento



LEONARDO DUARTE

Manoel Cyrillo de Oliveira Netto

Manoel Cyrillo, militante da ALN, também preso na mesma época de Virgílio afirma: “Eu estava preso, pendurado no pau-de-arara, de cabeça para baixo, todo amarrado, os torturadores gritando e mostrando o sangue de Virgílio nas paredes, no chão, pois fora assassinado ali no dia anterior. Eu, indefeso, no meio daquele bando de facínoras, sabendo da

morte de um companheiro, parecia que estava tudo perdido, mas eles se enganaram. Eles é que sumiram da História, eles é que estão escondidos, atemorizados, saíram daquela câmara de tortura e estão na câmara do inferno. Na verdade, purgando e se escondendo de tudo e de todos. E o Virgílio? O Virgílio ascendeu e hoje recebe homenagens, o Virgílio criou seus filhos”.

Depoimento

“

**Celso Horta,
jornalista,
companheiro de
Virgílio na ALN
Diretor do jornal
ABCD Maior**



LEONARDO DUARTE

Eu fui o único que viu o Virgílio na prisão. Eu tinha sido preso às 8 horas da manhã. Acho que, por volta das 10 horas, Virgílio chegou ao DOI-CODI, em São Paulo onde eu estava. Eu tinha acabado de ser preso, assim estava na fase do pau-de-arara, cadeira elétrica... Quando o Virgílio chegou, eu estava pendurado no pau-de-arara, de cabeça para baixo e vi o Virgílio. Naquele momento, eles tinham parado de me torturar, foram todos lá para baixo, vi que tinha acontecido alguma coisa. Subiu todo mundo pelo corredor dando porrada nele, dando chute, trazendo-o para a sala onde eu estava. Eu tinha sido abandonado no pau-de-arara. Naquela época, estamos falando de setembro, finalzinho de setembro de 69, no começo do DOI-CODI, eles cometiam a leviandade de deixar reco, soldadinho que estava servindo o exército tomando conta da gente. Fiquei eu na sala e um reco na porta.

Quando chega o Virgílio, chega junto aquela tropa de torturadores que era uma composição de oficiais do exército com policiais civis. Ele é jogado na sala onde estou, e eu sou retirado desta sala e levado para outra que não tinha pau-de-arara, era uma sala menor e tinha uma cadeira chamada cadeira-do-dragão de aplicar choque elétrico. O Virgílio fica onde eu estava, esse foi o único momento que o vi... quando ele é jogado no canto da sala, os torturadores dão uma refluída, acho que vão conversar



LEONARDO DUARTE

Celso Horta: “Foi o único momento em que o vi”

sobre o que fazem e me deixam sozinho com o Virgílio, com a porta aberta, tinha um reco na porta, é o único momento que ele me vê. Ele para, olha, me vê, não falamos nada, e continua a história. Os torturadores voltam, me tiram da sala e ele fica ali. A impressão que me deu é que eu estava dando lugar para um processo de tortura que ia começar. Eu já tinha passado por isso no começo.

Eles tinham ali toda uma técnica de recepção dos novos presos, desde corredor polonês, lá fora ainda, dentro do pátio, do DOI-CODI. Jogavam a gente no meio do corredor e você passava levando cacete por todo lado, até ser levado lá pra cima; a primeira posição em que fiquei, foi nesse pau-de-arara, foi o que aconteceu com ele também. Depois que eu saí daí nunca mais eu vi o Virgílio. O processo de tortura a que eu estava sendo submetido e o Virgílio também, impedia que você tivesse noção do que estava acontecendo porque era pauleira, choque elétrico...

Eu não consigo identificar o momento em que eu soube da morte do Virgílio, porque era um processo, as coisas iam acontecendo de uma forma rápida e com muita violência junto; então eu não conseguia mais distinguir dia de noite. Eles tinham todo um processo de tortura e toda uma mecânica que te confundia muito porque eles substituem o torturador do pau-de-arara pelo bonzinho que vem lá te falar “olha a guerra acabou, você perdeu a guerra”, “o outro já falou, nós prendemos o Jonas”. Eu não sei o momento em que se de deu isso, não sei traduzir isso em sentimento, como foi perceber que o Jonas tinha morrido e, de certa forma, a gente ficar meio órfão. Ele era o comandante do GTA, que mandava no Grupo Tático Armado, ao qual eu pertencia. Tinham dois grupos táticos de ação, 1 e 2 eu pertencia ao 2. Nesse processo de quedas em que o Virgílio cai, os dois são desarticulados, os dois sofrem baixas”.

Somente em 1995 a Lei nº 9.140 reconheceria o papel do Estado no desaparecimento e morte de presos políticos.



LEONARDO DUARTE

Depoimento



**Aton Fon Filho,
advogado,
companheiro de
Virgílio na ALN**

LEONARDO DUARTE



Aton: “Ele foi criador de orquídeas, mostra uma relação com a beleza”

Eu acabei tendo uma relação muito pessoal com o Virgílio. Foi uma relação política, num momento político, mas que acabou tendo toda uma repercussão pessoal, porque eu conheci o Virgílio quando nós fomos para Cuba fazer treinamento militar. Lá em Cuba houve um período antes de começar o curso e que nós ficamos em uma casa lá em Havana e que saíamos para passear, para conhecer a cidade. Essa questão da relação pessoal não sei se era porque ele era nordestino e eu também, mas talvez não seja por isso não. Talvez fosse mais por conta que ele era uma pessoa simpática, uma pessoa alegre, contava muita piada, muita anedota. Algumas coisas dele que não tinha nada a ver com a política, a paixão dele por orquídeas, ele foi criador de orquídeas. Mostra uma relação dele não só com a natureza, mas também com a beleza. Aquela história de que não tem espaço na militância política para a beleza, que o operário não pode aspirar ao belo, ele é a prova de que pode.

Eu não o conheci nessa época. Eu o conheci no momento em que estávamos em processo de divergência do Partido Comunista, tanto que nós fomos para Cuba, enviados pelo agrupamento comunista de São Paulo, que mais tarde deu na ALN. O agrupamento já estava em divergência com o Comitê Central, com a linha oficial do partido. Não sei como foi a vida dele para cá, sei sim que ele já era militante. O que mais impressionou nele foram características pessoais, não foram tantas as características políticas. A disposição de luta, aquele cara que está disposto a participar. Eu, às vezes, o achava demasiado corajoso, a ponto de ultrapassar aquilo que deveria ser. Exatamente o contrário de mim, que sou um cara medroso, ele era o que eu queria ser, um cara que tivesse aquela coragem, aquela disposição.

Nós chegamos juntos no GTA da ALN. Foi um outro momento que ele mostra essa mesma audácia de fazer as coisas, não tem muita discussão, tem que ser, vamos



Aton Fon Filho: “Eu, às vezes, o achava demasiado corajoso”

fazer. Disciplinado e disciplinador. Ainda hoje as pessoas têm uma idéia de que a luta armada contra a ditadura foi uma operação, que foi uma atividade em que participou somente estudantes, a classe média, pequena burguesia, eu defendendo uma tese contrária a essa. Como o Virgílio, muitos outros companheiros da base operária do Partido Comunista se integraram ao agrupamento comunista de São Paulo. O que, aliás, permitiu que o agrupamento fosse vencedor na Conferência Estadual de São Paulo do Partido Comunista, o que levou o Comitê Central a intervir aqui e cassar os delegados para garantir que não tivessem presença no congresso. São Paulo era o Estado de maior base operária, e que aderiu às posições de Carlos Marighela. Como o Virgílio, muitos outros operários também aderiram. Cadê eles que não aparecem na história? Aparecem na história somente pessoas que estavam nos grupos de fogo, das ações urbanas.

Eu mesmo conheci diversos companheiros, na época, que a história não fala. E não é para a história falar porque o que se tinha também naquele tempo era a atuação clandestina. Ninguém saía falando eu sou tal, desse partido.

O próprio Virgílio, ele só se torna perseguido, a primeira vez, como militante sindical, militante do sindicato dos Químicos e ele tem que ir para o Uruguai. Quando ele retorna, volta para reorganizar o trabalho, e muda de linha de ação. Talvez ele não fosse conhecido ainda hoje se não estivesse nos grupos de fogo em que acabou com a prisão, a tortura e o assassinato dele.

A notícia da morte dele foi pesada, mas já era um momento que tudo era muito pesado mesmo. No Rio Janeiro, voltando para São Paulo, quando leio no jornal, a caminho da rodoviária, eu recebo a notícia de que a minha casa tinha sido invadida pela polícia e a minha família estava presa, daí, desisto de voltar. E lá se contava que haviam prendido todo mundo. Alguns dias depois tenho contato com uma companheira daqui de São Paulo do GTA da ALN, que foi para Rio, também já fugindo, e ela que me conta da prisão do Virgílio que aconteceu na minha casa, aqui em São Paulo, na avenida Duque de Caxias, esquina com a São João. Eu só fui preso quase dois meses depois, em dezembro. Ele foi preso, baleado e torturado e morreu sob tortura.

O Virgílio é um dos operários que participaram da luta armada,

não só por sua condição de classe, mas certamente sua condição de classe influenciou nas características que ele tinha da coragem, da determinação, da força física, da audácia, disciplina, tudo isso é resultado da sua condição proletária. Então ele, nessa condição proletária, chegou a comandante do grupo armado, do grupo de fogo da ALN. Ele chegou a comandante da operação armada de maior impacto que teve neste período todo. É importante destacar o papel dos operários nisso. A luta contra a ditadura não foi apenas a realização das ações armadas, mas teve também todo o trabalho que se continuava fazendo de organização do movimento operário. Até mesmo o nome que se dava ao grupo armado era tático, porque ele não tinha função estratégica. Do ponto de vista estratégico, nós contávamos com dois elementos: prevíamos a guerrilha rural e, segundo, a luta de massas. Então muitos dos companheiros que a história não fala, que desapareceram, eram operários que estavam organizando aquilo. Resgatar a figura do Virgílio é resgatar a ligação dos operários com a luta armada, mas é resgatar, fundamentalmente, o papel do operariado, do proletariado na luta contra a ditadura.”

Depoimento

**Takao Amano,
advogado,
companheiro de
Virgílio na ALN**



LEONARDO DUARTE

“**O** Virgílio era o nosso comandante, depois que o Marquito foi assassinado, Jonas assumiu a direção do GTA, grupo de ação militar, recém vindo de Cuba para fazer treinamento, no final de 66 e voltou em 1967. Desde desse momento tivemos muita convivência fazendo levantamento de ação, treinamento, nós íamos muito na região de Mauá, Ribeirão Pires e Suzano, fazer treinamento de tiro. E fazíamos caminhada de guerrilha, ele morava naquela região da Zona Leste.

Minha relação com o Virgílio é muito emotiva. Nós temos uma história comum, um lugar comum, São Miguel Paulista, embora tenha sabido disso depois da morte dele. Durante a nossa vida clandestina, posso dizer que ele era um cara muito solidário, em vários momentos. Como é que a gente mede a

solidariedade? Numa ação ele se arriscava para salvar outro companheiro, em momentos difíceis, não é essa solidariedade comum, é incomum, ele daria a vida em lugar de outros. Isso a gente presenciou muitas vezes em várias ações. Eu, o Fon, o Celso Horta éramos todos do GTA, o Manoel Cyrillo, Jonas, Marquito, Carlos Eduardo Pires, os mais veteranos desse grupo tático.

Dele tenho a lembrança de um amigo, de um irmão, de um camarada, de um cara solidário, muito afetivo, é inesquecível. Um companheiro que tem uma conduta de operário, aquele operário consciente, com ideologia da sua classe. Esse é o Jonas, que dá a vida por alguém, por uma causa, que deu a vida pela libertação do nosso país, do nosso povo. Esse é o Jonas.”

Takao: “Minha relação com o Virgílio é muito emotiva”

A incansável busca



LEONARDO DUARTE

Morto Virgílio, há 40 anos, o Sindicato dos Químicos, a família, os trabalhadores e a sociedade brasileira esperam que o Estado investigue e descubra onde estão seus restos mortais. Para que possa ter um enterro digno e aplacar a dor da família e companheiros de não saber o paradeiro de seu corpo.

“Quero ter o direito de colocar uma flor em seu túmulo”, diz a viúva Ilda Martins da Silva. “É duro não saber onde está seu corpo. Até há pouco, eu não tinha muita certeza, minha esperança era de que estivesse vivo, que um dia aparecesse, de qualquer jeito por aí. Mas foi depois do laudo (que apareceu em 2004) que me

convenci: ele está morto mesmo. O laudo diz tudo. Foi a coisa mais horrível. Tinha esperança de encontrá-lo vivo.... mas, depois que vi no laudo o que fizeram com ele, não quero nem lembrar... Então vamos dar continuidade à busca, para ver se a gente acha os restos mortais dele. Vai ser uma grande emoção poder sepultá-lo com dignidade”.

Por muito tempo, Ilda e os filhos, apesar dos relatos de companheiros, tinham a esperança de que Virgílio estivesse vivo. Mas,

em 2004, com a descoberta de um laudo assinado pelo Dr. Roberto A. Magalhães e Paulo A. de Queiroz Rocha, em 1969, ficou escancarado todo o teor da violência. Virgílio teve todos os órgãos comprometidos na tortura, ossos quebrados, olhos arrancados.

Um único órgão permaneceu intacto diz o laudo: o coração. Como símbolo do homem que era Virgílio. Revolucionário rigoroso no cumprimento do dever, mas terno e alegre. Um homem que gostava de flores - especialmente

das orquídeas, pelas quais nutria grande paixão - de passarinhos, de crianças. Um homem com

o coração tão grande que sempre reservava para si as mais difíceis tarefas para preservar seus companheiros. Um homem que gostava de esporte, de pescar no rio Tietê, de andar de bicicleta, visitando amigos e companheiros pelas ruas de São Miguel Paulista.



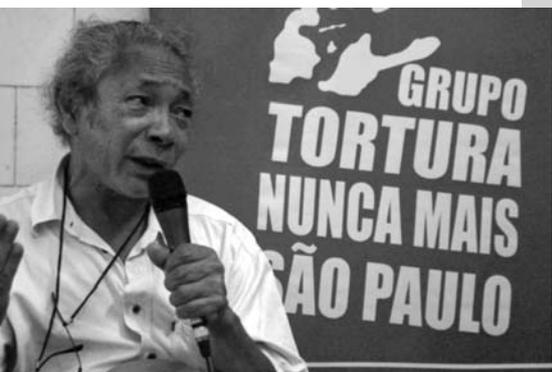
ARQUIVO DE FAMÍLIA

Depoimento

Antonio Carlos Fon, jornalista, companheiro de Virgílio na ALN

Tem um filme aí (O que é isso, companheiro?) que apresenta o Virgílio como uma pessoa tosca, isso é uma visão de classe... Eles apresentam o pessoal da classe média como “sensível” e o Virgílio, como era operário, é o “tosco”. Não é verdade. O Virgílio era extremamente carinhoso, gostava de flores, gostava de bichos, mas principalmente, gostava de gente. Lutava por gente, pelos despossuídos e de uma forma absolutamente aberta, franca. Ele entregou sua própria vida nessa luta. Não por ódio. Mas, por amor, por respeito ao ser humano, por solidariedade, por fraternidade, igualdade, esses eram os princípios de Virgílio. Ele não morreu ou entregou a vida por flores. Entregou a vida lutando por gente”.

Existem na verdade três resgates a serem feitos de Virgílio: o primeiro é o resgate físico, dos restos mortais, para que a família possa sepultá-lo. Faz parte do rito de passagem, como em Antígona que tinha necessidade de sepultar seu irmão Polinice. É preciso sepultar os mortos para que a vida possa prosseguir. Precisamos resgatar os restos mortais de Jonas para que o rito de passagem se cumpra. Tem, ainda, o resgate de Jonas como pessoa extremamente carinhosa e afetiva. E tem o resgate de Jonas como militante do Partido Comunista, organizando greves, lutando por seus companheiros, com sua classe, fazendo a luta interna dentro do partido e colocando a vida à disposição da classe trabalhadora.”



LEONARDO DUARTE

Antonio Carlos Fon: “O Virgílio era extremamente carinhoso, gostava de flores, de bichos, mas, principalmente, de gente”

**Rose Nogueira,
Membro do Grupo
Tortura Nunca Mais
e jornalista com
ampla atuação na
área dos direitos
humanos**

LEONARDO DUARTE



**Rose Nogueira: “O Virgílio era
um estrategista no
movimento operário”**

Assim que foi achado o laudo do IML, em 2004, a gente já exigiu do Estado e procurou no cemitério da Vila Formosa para ver se achava o corpo. O laudo prova a morte na tortura, é um laudo terrível, não ficou inteiro nenhum órgão vital. O único vital intacto é o coração. Agora, temos esse depoimento de que Virgílio foi morto na Operação Bandeirantes por um capitão, de que ele foi torturado, antes de qualquer declaração. Então, a gente exige, por meio do Ministério Público Federal, que o Estado devolva os restos mortais e seja responsabilizado por isso.

Ele teve uma trajetória linda de liderança entre os trabalhadores, era um estrategista no movimento operário, no movimento sindical, no Partido Comunista e depois na ALN. Eu acho que existem alguns líderes que tiveram também essa trajetória, o Virgílio só nasceu antes.

Eu sou buscadora do Virgílio pela amizade que eu tenho com a Ilda que é a viúva dele, nós nos conhecemos na prisão. Eu tinha um bebê de um mês quando fui presa, ela tinha um de quatro e mais três filhos de dois anos, seis e oito anos. As crianças foram levadas para o Juizado de Menores, os mais velhos foram levados para algumas casas para ver se eles queriam morar com algumas famílias e a menina estava lá para

adoção. Tanto que o Virgílinho e o Vladimir que eram os mais velhos dormiam com as camisetas enroladas na perna do berço para não ter perigo de levarem a irmãzinha que estava lá. Isso é terrível, isso me aproximou muito da Ilda porque eu também tinha um bebê. Eles foram interrogados como se fossem gente grande, ficaram dois ou três dias presos, respondendo a várias coisas. E aí foram levados para o Juizado de Menores. Eu fui presa um mês depois da Ilda. Eu a encontrei desesperada. Ela não tinha nenhum registro de passagem pelo DOPS. Não tinha processo, nada. Mataram o Virgílio e deixaram ela lá, incomunicável, sem que fosse feito algum registro dela.

Nós levamos quase dois meses para juntar dinheiro para dona Ilda sair do país, porque era dinheiro do nosso salário, para comprar a passagem de ônibus. A Ilda foi para Foz de Iguaçu e de lá para Mendonça, na Argentina, e finalmente para Santiago, no Chile. E na primeira tentativa de golpe que houve naquele país, várias pessoas como ela, que tinham crianças, foram para Cuba, convidada por Fidel, e lá os filhos se formaram. Nós estamos buscando o Virgílio como a gente se prometeu no dia que saí da cadeia. Prometi para ela. Busca que durou a vida inteira. Já faz 40 anos e estamos chegando pertinho.”

O Sindicato dos Químicos de São Paulo e Região, o grupo Tortura Nunca Mais, a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República se uniram na tarefa de encontrar os restos mortais de Virgílio Gomes da Silva, por meio do Ministério Público Federal.

São 40 anos de espera. E se

está muito perto de descobrir onde está Jonas.

O seu corpo pode ter sido encarcerado numa vala comum, onde foi jogado pelos torturadores. Mas sua memória não está encarcerada no túmulo desconhecido de soldado da classe trabalhadora.

Está presente nas lutas da socie-

dade brasileira hoje, como sempre esteve ao longo destes 40 anos.

40 anos em que, na ditadura, o Sindicato dos Químicos e toda a classe trabalhadora sofreram perseguições. E em que muitos tiveram que fugir e viver na obscuridade da vida clandestina, enquanto interventores assumiam o comando das entidades sindicais.

O Sindicato dos Químicos de São Paulo e Região, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República e o Grupo Tortura Nunca Mais - SP convidam para os DOIS ATOS que acontecem nos próximos dias 28 e 29 de setembro de 2009



28
de setembro
segunda-feira, 16h

LOCAL:
Sindicato dos Químicos
de São Paulo e Região
Rua Tamandare, 348
Liberdade - São Paulo - SP

29
de setembro
terça-feira, 10 horas

**ATO PÚBLICO DE DENÚNCIA DA
TORTURA E MORTE DE
VIRGÍLIO GOMES DA SILVA**

> Solicitando apuração de responsabilidades pela morte e desaparecimento de Virgílio.
> Solicitando a localização do corpo e entrega dos restos mortais à família.

"Virgílio era muito concentrado em sua atividade. Lá na Nitro Química, em São Miguel Paulista, era um militante que fazia de tudo: discurso, reuniões ou o que precisasse... Era muito carinhoso com os filhos. Gostava de crianças, de passarinhos, de flores, de piquenique, era uma pessoa alegre.
Tinha pouco estudo, mas aprendeu muito com a militância no PCB, depois na ALN. Eu sabia que ele corria perigo, mas Virgílio era um lutador. Morreu na prisão. Desde essa data 29/09/1969, nós, a família e os companheiros, procuramos por ele, sem descanso. Vai ser uma emoção muito grande quando soubermos onde estão seus restos mortais".

Ilda Martins da Silva, viúva de Virgílio



Eu vejo a iniciativa do Sindicato dos Químicos como algo muito bom. É importante as forças sindicais estarem engajadas no resgate da memória, quanto mais gente lutando e batalhando por isso melhor. É maravilhosa essa homenagem acontecer dentro do Sindicato, é casa dele, ele militou no Sindicato. Eles pensavam que assassinaram o Virgílio, mas ele não morreu. Só fizeram sumir com o corpo dele, que é um crime, outro crime, além do assassinato. Ele criou seus filhos. A viúva foi para Cuba, criou os meninos, estão todos formados. Uma vitória. De quem? Do Virgílio".

Manoel Cyrillo

Acho a iniciativa do Sindicato dos Químicos de São Paulo de realizar a homenagem a Virgílio, maravilhosa. Lembrar o nome dele que também estava lá na sub-sede, em São Miguel Paulista.... Estou feliz com esta lembrança"

Ilda Martins da Silva

O Sindicato é um organismo que acolhe o trabalhador. Eu já tinha ficado muito feliz quando colocaram o nome do meu pai na sub-sede do Sindicato, em São Miguel Paulista. Meu pai teve uma grande ligação com o Sindicato dos Químicos. Não era só guerrilheiro, era também sindicalista. É uma luta para manter viva a memória do que aconteceu. É muito importante, mais ainda pelo que possa vir a representar no futuro para as novas gerações"

Virgílio Gomes da Silva Filho

“A atitude do Sindicato dos Químicos de homenagear e lutar pela entrega dos restos mortais é o início de uma tomada de consciência da classe trabalhadora em relação a esse passado. A gente começa a ver essa solidariedade. O mundo está mudando, há um avanço das idéias democráticas, progressistas... O proletariado sabe qual é o seu lado, quem são seus heróis e seus inimigos.”

Antonio Carlos Fon

“A iniciativa do sindicato é de extrema importância, porque quando o sindicato faz isso ele está resgatando o melhor de seus filhos, a história de sua categoria, Virgílio e tantos outros operários se dedicaram à causa da categoria e dos trabalhadores em geral. O sindicato que quer construir o futuro não pode esquecer o passado. Eu sou fruto desse trabalho, das lutas dos químicos de São Miguel, porque nós éramos estudantes da escola e nós víamos greves, víamos cavalaria correr atrás de trabalhador e aí a gente perguntava por que a greve? Por que eles estavam fazendo greve? Greve por melhores condições de vida de trabalho e muita gente que morreu na fábrica de soda, muitos acidentes de trabalho. Essa é uma história dos trabalhadores da indústria química, que envolvia toda população local.”

Takao Amano

“Eu acho que o resgate em que está engajado o Sindicato dos Químicos de São Paulo é muito importante. Virgílio foi um trabalhador coerente até o final de sua vida, não vacilou em momento algum diante de qualquer possibilidade de recuar, de fazer qualquer negociação que pudesse lhe salvar a vida, então esse resgate é de suma importância.”

Celso Horta

“A busca pelos restos mortais de Virgílio é um resgate da verdade, um direito da família, direito a um enterro digno do cidadão Virgílio.”

Aton Fon Filho

“O Sindicato dos Químicos dá exemplo para a luta sindical de hoje, ela não pode ser desligada das lutas históricas, assim como não pode ser desligada do papel real do presente: luta contra a desigualdade, a favor do direito de todos, direito a salário digno, à saúde, educação, direito à vida, direito à informação e direito até à resistência quando o poder for tirano. Então, os Sindicatos têm muito a fazer, as outras categorias têm que se integrar na luta histórica pela memória e verdade. Os químicos dão um passo à frente para mostrar qual é o rumo da luta sindical hoje em dia.”

Rose Nogueira

OS QUÍMICOS DE SÃO PAULO NO MOVIMENTO SINDICAL

A famosa greve de 1957

Nos anos 50 e até 1964, o movimento operário vivia um período de efervescência, de conquistas para a classe trabalhadora que já não aceitava mais a ladainha dos patrões que “por generosidade lhes davam alguns benefícios”. Estes passaram a ser entendidos como direitos. E novos direitos eram conquistados nas lutas diárias.

Em 1957, os trabalhadores da Nitro Química realizam uma greve que colocou em xeque as práticas da empresa de desrespeito às leis trabalhistas. Os trabalhadores, diz

o historiador Paulo Fontes, citando depoimentos dos próprios operários da empresa, não recebiam pagamento pelos domingos e feriados. Os trabalhadores já não acreditavam nas benesses da empresa que, no início, criou diversos benefícios sociais para cooptar os funcionários.

A greve mobilizou toda São Miguel Paulista. Os piquetes reuniam mais de 300 pessoas. Os fura-greves, os “furões”, que avançavam a nado pelo rio Tietê para alcançar os fundos da fábrica, eram retirados da água e

convencidos a não entrar. A ação dos militantes comunistas nesse episódio foi fundamental, já que tinham expressiva organização dentro da empresa. Uma grande liderança, o presidente do Sindicato dos Químicos, Adelço de Almeida, teve papel importante, pois nunca se abatia, e exigia da empresa o respeito às leis trabalhistas. Foi buscar apoios não só entre a população, mas com autoridades, denunciando os abusos da empresa.

Papel importante tiveram os delegados sindicais, estratégia

usada pelo Sindicato dos Químicos para fortalecer a entidade nos locais de trabalho e dar um maior caráter democrático. E os trabalhadores da Nitro Química novamente deram o exemplo, com a eleição de cerca de 30 delegados sindicais. A reunião destes delegados formava um conselho, responsável pelo encaminhamento das reivindicações junto à direção sindical.

Com a crescente insatisfação dos trabalhadores e a também crescente intransigência da empresa em conceder aumento salarial, as assembléias do Sindicato dos Químicos eram lotadas. “A greve foi preparada, começou na mecânica, estourou na mecânica e foi se espalhando tudo em todos os setores, papel, tinta, fiação, nitrocelulose, etc (...) E aquelas seções onde tinha os delegados sindicais, aquilo era muito bom. Todo mundo ia para o delegado e o delegado: se é para parar pronto, acabou. E então foi aprovado tudo. Isso que ajudou muito na Nitro”, conta um operário da empresa ouvido pelo historiador Paulo Fontes. Como se vê pelo relato, os delegados sindicais foram decisivos para a eclosão e manutenção do movimento; eram eles e os dirigentes sindicais que comandavam os piquetes e a greve.

“Os piquetes eram a garantia de que o trabalhador não estava sozinho”

Esses piquetes – afirma Fontes – “eram a garantia para o trabalhador de que a greve estava acontecendo e de que ele poderia aderir sem correr o risco de ficar sozinho. A massa de operários garantia a segurança contra a re-



ACERVO SINDICATO DOS QUÍMICOS DE SÃO PAULO

Protesto de trabalhadores contra acidentes de trabalho

pressão, um meio de defesa, uma espécie de biombo contra as ofensivas patronais”, afirma o historiador.

A empresa reagiu colocando sua própria segurança, além de recrutar apoio da Força Pública para conter os grevistas. Trabalhadores eram espancados e conduzidos à força para dentro da fábrica, o que deixou todos muito revoltados.

Esta greve representou um grande salto na conscientização e mobilização dos trabalhadores da Nitro Química. “Organizados e mobilizados, os trabalhadores nitrinos, desenvolveram nesse período uma série de reivindicações pelas taxas de insalubridade e pelo abono de Natal, até hoje fortemente presentes na memória social daquele grupo operário. O Sindicato dos Químicos de São Paulo foi, a partir de então, um instrumento vital para a conquista de direitos”.

Depois de cinco dias de paralisação, um acordo foi assinado na Delegacia Regional do Trabalho, assegurando os termos da negociação para o encerramento da greve. Então, o povo dançou e festejou pelas ruas do bairro de São Miguel, conta o historiador

Paulo Fontes, citando depoimentos de operários da Nitro.

“Trabalhei na Nitro Química durante três meses, onde havia milhares de trabalhadores. A gente levava os companheiros para as reuniões em uma casa do outro lado do Rio Tietê, porque do lado de cá ficava a Nitro Química e tinha os capangas e os puxa-sacos que avisavam que os comunistas estavam fazendo reunião por ali, etc. Nessas reuniões a gente discutia até como ia tomar o poder e também questões como insalubridade, pois a Nitro tinha um gás e soltava uma fumaça muito perigosa. Também caía soda no pé do trabalhador e o sapato ficava todo comido.

Fui preso oito vezes por trabalho político. A Nitro Química era a maior célula comunista que tivemos até hoje nas fábricas. Tinha uns 400 membros do PCB lá.

Conheci o Virgílio lá. Era um bom companheiro, alegre que gostava de flores”

Geraldo Rodrigues de Freitas
85 anos

Intervenções, cassações, prisões

Mas, essa ascensão e o andar para diante, foi violentamente truncado em 1964 com o golpe militar que derrubou o governo do presidente João Goulart. E a repressão se abateu sobre os sindicatos e as lideranças operárias. Entre os anos de 1964 e 1965 houve 383 intervenções em sindicatos, 45 em federações e quatro em confederações. Já, no período compreendido entre 1965 e 1970, o número de intervenções foram 100 em sindicatos, e quatro em federações, segundo dados recolhidos por Paulo Roberto Wunsch, da Faculdade de Serviço Social de Porto Alegre. Além disso, a lei nº4.330/64 dificultou a greve, praticamente inviabilizando-a.

ACERVO ICONOGRAPHIA



Polícia desocupa a Cobrasma durante a greve. 400 presos. Osasco, 1968.

Apesar de prometer que não mexeriam nas conquistas trabalhistas, os militares logo decretaram o arrocho salarial e o fim da estabilidade que assegurava emprego permanente aos que completassem dez anos de trabalho nas empresas. A estabilidade foi substituída pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e os

sindicatos foram também obrigados a desenvolverem ações assistencialistas. O governo militar transferiu para estes órgãos a tarefa de cuidar da saúde, da educação dos trabalhadores e suas famílias, esvaziando-os de sua atividade política.

Para culminar, o governo militar incentivou a criação de diversos sindicatos pequenos, pulverizando as representações dos trabalhadores. Nessas entidades fantasmas eram colocados pelegos controlados pelo Ministério do Trabalho.

JUCA MARTINS / OLHAR IMAGEM



Manifestação contra a ditadura militar em São Paulo. 15/06/77

ACERVO SINDICATO DOS QUÍMICOS DE SÃO PAULO



Protesto e boicote contra o restaurante da Nitro

Uma penalidade em cascata

A repressão ao movimento operário era tão intensa que um Decreto-Lei de 13 de março de 1967 (DL nº314) dizia, em seu artigo 48, que o trabalhador denunciado seria suspenso do exercício da profissão, emprego em entidade privada, assim como de cargo ou função na administração pública, autarquia, em empresa pública ou sociedade de economia mista, até sentença absolutória (as denúncias eram por violações à Lei de Segurança Nacional). O decreto-lei estendia ao chefe do serviço ou atividade, empregador ou responsável pela sua direção, inclusive os estabelecimentos de ensino, penalidades: ficaria sujeito à multa de cem a mil cruzeiros novos, se permitisse a violação do disposto neste artigo, aplicável pelo juiz da causa. E em caso de reincidência, o chefe do serviço ou empregador, seria condenado à mesma pena do crime praticado pelo empregado.

A luta continua

Se os sindicatos estavam sob intervenção, ou dirigidos por chapas colaboracionistas ao regime militar, essas direções auxiliavam a ditadura com delações e esvaziamento das entidades, ou adotando políticas assistenciais. Acuado pela perda de seus órgãos de representação, o movimento operário iniciou a organização por fábricas e locais de trabalho. Essa ação era feita por operários conscientes ou filiados a organizações de esquerda, desmanteladas

pela repressão, ou até mesmo por egressos do trabalhismo de Vargas (PTB). Foram milhares de heróis anônimos que mantiveram acesa a chama da luta operária, desencadeando pequenas greves, operações tartarugas e outras diversas formas de luta, sendo a palavra de ordem “permanecer na clandestinidade”. Isso pode ser verificado em centenas de relatórios reservados do DOPS, onde agentes eram chamados para diagnosticar “movimentos estranhos” no interior das fábricas.

Esse processo propiciou ao movimento sindical, apesar das condições mais adversas, a retomada da organização e, a partir de 1967 o lançamento das chapas de oposição, as chapas verdes.

A repressão tinha um lado econômico importante, o tal do Milagre Econômico, tão alardeado pela ditadura, tinha como mola mestra um violento arrocho salarial, com a respectiva destruição das organizações sindicais e de esquerda. E o terror era o aviso claro, ao restante da sociedade organizada, do destino daqueles que se atrevessem a denunciar e se opor. O véu do anti-comunismo encobria os grandes beneficiários desse regime: o empresariado, que ganhou instrumentos e política de estado para conter salário por mais de uma década.

Verde, a cor da oposição

Em Minas Gerais, no Sindicato dos Metalúrgicos de Contagem, apesar da vitória da oposição, o

presidente eleito teve seu nome vetado pelo Ministério do Trabalho.

Mas isso não refreou o ânimo dos operários. Em 1968, 1770 trabalhadores param a fábrica de Contagem e fazem seus encarregados reféns. A greve já durava 15 dias e envolvia 15 mil operários, quando o Ministro do Trabalho resolveu negociar e conceder 10% de aumento, estendido aos demais trabalhadores, por temer que a greve se alastrasse.

Esta greve estimulou trabalhadores em Osasco, São Paulo, que ocuparam a Cobrasma e outras três fábricas. Mas o movimento foi duramente reprimido e seus dirigentes obrigados a cair na clandestinidade.

Apesar do peleguismo que imperava em muitos sindicatos, a oposição se organizava. E



Manifestação do Movimento Contra a Carestia na Praça da Sé em São Paulo

ganhava direções por meio das chapas verdes. Tiveram grande apoio no meio metalúrgico, espalhando-se para outras categorias. Defendiam o contrato coletivo de trabalho e o reconhecimento dos conselhos de empresas. E voltam a ganhar força em 1972.

Em 1973, ocorre uma greve na Villares que deu grande ânimo aos sindicalistas de oposição ao regime e aos trabalhadores. Em 1978, uma greve também eclode na Toshiba e um dos integrantes da Comissão, o operário Santo

Dias da Silva é demitido. Em 1978, é morto pela polícia durante uma greve. Em consequência, mais de 30 mil pessoas protestam nas ruas de São Paulo, em defesa da liberdade sindical e contra a ditadura.

Em 1978, os metalúrgicos da Scania, em São Bernardo, também fazem uma greve que começa a representar, pela sua força e simbolismo, nova esperança para o país. Surge, então, uma nova liderança sindical: Luís Ignácio Lula da Silva, operário, torneiro

mecânico, que se transformou na voz não só dos trabalhadores locais, mas de toda a população brasileira.

A partir daí, as greves param a cidade de São Bernardo do Campo e envolvem diversas montadoras. O movimento, inicialmente por reivindicações de interesse da classe trabalhadora, ganha vulto, consegue o apoio de amplos setores da sociedade brasileira e se converte em uma ampla luta pela instauração da democracia no País.

CONCLUSÃO

Um novo mundo é possível

A morte de Virgílio representou a luta dos trabalhadores por um novo modelo de sociedade. Durante a repressão, outros militantes foram mortos e seus corpos também estão em local desconhecido. Os trabalhadores querem que todas essas famílias também tenham direito a enterrar seus mortos com dignidade.

Abrir os arquivos daquele período é um direito à memória, à informação e à verdade. A história se faz com documentos e estes não podem ficar encarcerados em porões ou escondidos nos desvãos de órgãos policiais. Estas dúvidas e inquietações têm que ser resolvidas.

As lutas dos trabalhadores hoje estão ligadas à construção de uma democracia social, pelo fim das desigualdades, direito a um emprego digno, redução da jornada sem redução do salário para que o trabalhador também tenha direito a estudar, ao lazer

e à cultura e à condições de trabalho e vivência que respeitem a natureza.

Virgílio, que gostava de gente, dos companheiros, mas também de flores e passarinhos, certamente aprovaria essa pauta. Que hoje é a dos trabalhadores químicos e de outras categorias profissionais.

A dor, o sofrimento, em sua

dialética, também produzem crescimento, mudança, decisão e coragem para enfrentar novas situações.

Se estivesse vivo, Virgílio, certamente nos convocaria a novas lutas. E estaria à frente, como comandante, junto com toda a população, pelo direito dos cidadãos brasileiros à Memória e à Verdade.

ACERVO ICONOGRAPHIA



Passeata de estudantes contra a ditadura. São Paulo, julho de 1968.



COORDENAÇÃO POLÍTICA DO SINDICATO GESTÃO - 2009/2012
Osvaldo da Silva Bezerra, João Carlos de Rosis, Lourival Batista Pereira,
Hélio Rodrigues de Andrade, Célia Alves dos Passos, Ritalo Alves Lins,
Deusdete José das Virgens, Aparecida Pedro, José Isaac Gomes.

SECRETARIAS

I - SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Coordenador: Osvaldo da Silva Bezerra

• **Componentes:** José Francisco de Andrade,
Martisalem Covas Pontes, Edson Luiz Passoni,
Lutembergue Nunes Ferreguete e Adir Gomes Teixeira.

II - SECRETARIA DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SINDICAL

Coordenador: João Carlos de Rosis

• **Componentes:** Luiz Carlos Gomes,
Antenor Eiji Nakamura, Ronaldo Rodrigues de Lima.

III - SECRETARIA DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE

Coordenador: Lourival Batista Pereira

• **Componentes:** Alessandra Rodrigues da Cruz,
Elizabete Maria da Silva, Benedito Alves de Souza e Milton Pereira de Hungria.

IV - SECRETARIA DE TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Coordenador: Hélio Rodrigues de Andrade.

• **Componentes:** Renato Carvalho Zulato,
Leônidas Sampaio Ribeiro e Edilson de Paula Oliveira.

V - SECRETARIA DE CULTURA E LAZER

Coordenadora: Célia Alves dos Passos

• **Componentes:** José Alves Neto, Francisco das Chagas Francilino,
Edielson Souza Santos e Luiz Pinheiro de Oliveira.

VI - SECRETARIA JURÍDICA

Coordenador: Ritalo Alves Lins

• **Componentes:** Edson Valdomiro de Azevedo,
Carlos Eduardo de Brito e Sebastião Carlos Pinto dos Santos.

VII - SECRETARIA DE FORMAÇÃO

Coordenador: Deusdete José das Virgens.

• **Componentes:** Rosana Sousa de Deus, Geralcino Santana Teixeira,
Elaine Alves Nascimento Blefari e Erasmo Carlos Isabel,

VIII - SECRETARIA DE RELAÇÕES DE GÊNERO

Coordenadora: Aparecida Pedro

• **Componentes:** Jaqueline Souza da Silva,
Lucineide Dantas Varjão, Rosemeire Gomes de Brito e
Hélvio Alaeste Benício.

IX - SECRETARIA DE ORGANIZAÇÃO DE BASE

Coordenador: José Isaac Gomes

• **Componentes:** Alex Ricardo Fonseca, Nilson Mendes da Silva,
Geraldo de Souza Guimarães e Carlos Gomes Batista.



